

A INTERAÇÃO E O DIALOGISMO A PARTIR DA LEITURA DA OBRA AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, DE LEWIS CARROLL

Vania Maria Batista Ferreira¹
Simone de Jesus da Fonseca²
José Anchieta de Oliveira Bentes³

Resumo: O presente trabalho analisa a obra de “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, com enfoque no interacionismo sócio histórico e no dialogismo. Estudo baseado em Vigotski (2009) e Bakhtin (2016). Para a análise dialógica utilizou-se como materialidade a narrativa ficcional. Como resultado, evidenciou-se o dialogismo uma vez que os diálogos eram prenhes de resposta.

Introdução

Este trabalho se propõe analisar a obra de “*As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*” com um enfoque no interacionismo sócio-histórico e no dialogismo. Tomaremos como estudo a pesquisa teórica para apoiar na análise dialógica discursiva da narrativa, fazendo o recorte da obra de Lewis Carroll (1832-1898). Um escritor inglês que escreveu belas histórias, dentre elas, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. O capítulo *O campo de croqué da Rainha* foi escolhido por ser marcadamente dialógico, quando apresenta sujeitos interagindo e produzindo significados a partir da relação dialógica entre os personagens.

Para tanto, o estudo toma algumas contribuições de Vigotski (2009) quanto à “Imaginação e criação na infância” e o “*Dialogismo*”, um dos conceitos postos na obra “Diálogo I: a questão do discurso dialógico” de Bakhtin (2016). O entrelaçamento desses dois autores é importante porque permite analisar a capacidade imaginária da criança e a sua inserção por meio da linguagem para se relacionar com o mundo dos adultos à medida que se estabelece, por meio de enunciados, na prática do dialogismo e na interação.

Uma brincadeira dialógica e interativa em “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll

No movimento retrospectivo, a história gira em torno de um acontecimento: Alice segue um coelho, que usa um colete e segura um relógio. Quando entra em uma toca, cai em um buraco que parece não ter fim. Até que chega a um lugar onde conhece criaturas com características humanas e fantásticas. O capítulo em destaque tem essa funcionalidade, pois ambos – leitor e texto – irão interagir e se relacionar dialogicamente, o que resulta viver a história intensamente pelas marcas dos conflitos que nela estão presentes e, por conseguinte, surge o mundo dos contrários. Aí se instaura o dialogismo.

Há no decorrer da história trechos que marcam alguns episódios interessantes e conflituosos – os quais definimos como unidades de análise temporais e espaciais de um determinado acontecimento – que escolhemos para esta análise:

¹ Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: vmbgrupobase@gmail.com.

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: monny@gmail.com.

³ Doutor em Educação Especial. Professor da Universidade do Estado do Pará. Coordenador do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br.

Flor vermelha: “as flores eram brancas mas três jardineiros estão pintando de vermelhas.” (CARROLL, 2009, p. 92)

Curiosidade de Alice: “Poderiam me dizer, perguntou Alice, um pouco tímida porque estão pintando essas rosas de vermelhas?” (CARROLL, 2009, p. 93)

Justificativa para o ato: “O Dois comentou, falando baixo: Ora, o fato, Senhora, é que aqui devia ter sido plantada uma roseira de rosas *vermelhas*, e plantamos uma de rosas brancas por engano, se a Rainha descobrir todos nós teremos nossas cabeças cortadas.” (CARROLL, 2009, p. 93)

No episódio acima, evidencia-se enunciados de submissão e de interpelação de Alice para o ato responsivo, há uma arquitetônica, há um conflito entre os jardineiros e a Rainha, entre rosas brancas e rosas vermelhas. A partir deste conflito, identificamos a fala da Rainha como impositiva, ou seja, sem diálogo. A fala da Alice com os jardineiros, dialógica, no momento em que ela questiona o motivo de pintarem as rosas brancas de vermelhas. Avancemos no episódio da história:

Cortejo da Rainha: “Alice teve muita dúvida quanto à conveniência de ser deitar de bruços como os três jardineiros, mas não conseguiu se lembrar de jamais ter ouvido falar de uma regra dessas em cortejos; aliás, de que serviria um cortejo, pensou se todos tivessem que ficar de bruços, sem poder vê-lo? Assim continuou como estava, e esperou.” (CARROLL, 2009, p. 95)

Interpelação da Rainha: “Quem é essa? A pergunta foi dirigida ao Valete de Copas, que, em resposta apenas se curvou e sorriu”. (CARROLL, 2009, p. 93)

A Rainha retrucou: “Idiota! E em seguida perguntou para Alice: Qual o seu nome, criança?” (CARROLL, 2009, p. 95)

Apresentação de Alice: “Meu nome é Alice, para servir a Vossa Majestade”; “Ora! Não passam de um baralho. Não preciso ter medo deles!” (CARROLL, 2009, p. 95)

Cadê os jardineiros: “Quem são esses? Perguntou a Rainha” --“Como eu poderia saber? Disse Alice, surpresa com a própria coragem. Isso não é da minha conta.” (CARROLL, 2009, p. 95)

Nos trechos do episódio os quais designamos “Cortejo da Rainha”, “Apresentação de Alice” e “Cadê os jardineiros”, percebemos a exclusão da relação dialógica do ‘outro’ no momento do discurso. O posicionamento da Rainha em toda história é banhada pelo que podemos chamar de monologismo, com o sentido de que:

O monologismo nega ao extremo, fora de si, a existência de outra consciência isônoma e isônoma-responsiva, de outro eu (tu) isônimo [...] Dele não se espera uma resposta que possa modificar tudo no mundo da minha consciência. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força decisiva. Passa sem o outro e por isso, em certa medida, reifica toda a realidade. Pretende ser a última palavra. Fecha o mundo representado e os homens representados (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Apesar da postura da Rainha ser de um discurso que elimina a fala do ‘outro’, a Alice não se deixa calar e durante todo o episódio responde gerando o conflito quebrando o monologismo. Até certo ponto o enunciado começa e encerra na Rainha porque a relação que ela estabelece com os soldados, com os jardineiros, com Alice é de poder, extremamente monológica. Muito embora algumas vezes a Rainha se permita ouvir a voz de um ‘outro’ de seu do mesmo patamar de poder, como verifica-se no episódio *Clemência do Rei*.

A fúria da Rainha: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...” (CARROLL, 2009, p. 96)

Atrevimento de Alice: “Que disparate!” (CARROLL, 2009, p. 96)

Clemência do Rei: “Pense bem, minha cara; é apenas uma criança.” (CARROLL, 2009, p. 96)

Acerto de contas dos jardineiros: “O que andaram fazendo aqui?”; “Estávamos tentando...”; “Cortem-lhes a cabeça!” (CARROLL, 2009, p. 96)

O episódio “*Fúria da Rainha*” e “*Acerto de contas dos jardineiros*” são enunciados em que percebemos a exclusão da relação dialógica do Outro no momento do discurso. O posicionamento da Rainha em toda história é monológica. Apesar da postura da Rainha ser de um discurso que elimina a fala do Outro, a Alice não se deixa calar e durante todo o episódio responde gerando o conflito quebrando o monologismo. Até certo ponto o enunciado começa e encerra na Rainha porque a relação que ela estabelece com soldados, jardineiros, etc. é de poder, sendo a terceira forma do dialogismo de Bakhtin. Muito embora algumas vezes a Rainha se permita ouvir a voz de um Outro de seu do mesmo patamar de poder, como verifica-se no episódio *Clemência do Rei*.

Rainha volta-se para os Jardineiros: “O que andaram fazendo aqui?” (CARROLL, 2009, p. 96)

Jardineiros humildes: “O que seja do agrado de vossa majestade?” (CARROLL, 2009, p. 96)

A fúria da Rainha: “Cortem-lhes as cabeças”. (CARROLL, 2009, p. 96)

Alice protege os Jardineiros: “Vocês não serão decapitados!”; “e os enfiou num grande vaso de flores que estava ali perto.” (CARROLL, 2009, p. 97)

Convite a jogar: “gritou a Rainha. Sabe jogar croqué? Alice”; “Sei! Gritou Alice.” (CARROLL, 2009, p. 97)

Nos trechos “Rainha volta-se para os Jardineiros”, “Jardineiros humildes” e “Alice protege os jardineiros”, vemos que a Rainha sentindo-se enfraquecida com as interpelações de Alice volta a sua fúria para os seus súbitos, porém para a sua surpresa os súbitos correm até Alice como forma de buscar ajuda, o que significa que o discurso de Alice teve efeito sobre a tirania da Rainha os súbitos já não eram tão submissos, neste contexto. A Alice em contrapartida os esconde no vaso, embora não aconteça um discurso verbal, toda a trama agora é repleta de dialogismo, pois os jardineiros ao correrem em sua direção repassou a mensagem da necessidade deles serem protegidos. Neste sentido, a ação de Alice para solucionar o impasse utilizou da estratégia de ganhar tempo escondendo-os no vaso, para assim salvá-los da perversidade da rainha, o que caracteriza uma atitude nobre, por certo, a “*A consciência individual é um fato social e ideológico*”, como ressalta Volóchinov (2017, p. 97, ênfase do autor).

A Rainha mal-intencionada convida Alice para jogar croqué. O jogo “era cheio de saliências e buracos; as bolas eram ouriços vivos, os malhos, flamingos vivos, e os soldados tinham de se dobrar e se equilibrar sobre as mãos e os pés para formar os arcos” (CARROLL, 2009, p. 98). Alice ficou muito surpresa com a forma como o jogo acontecia, conforme vemos no episódio o jogo sem regra.

Jogo sem regra: “Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo, sem esperar pela sua vez, discutindo sem parar e disputando os ouriços [...] e todos brigam tão horivelmente que não consegue ouvir a própria voz... parecem não ter nenhuma regra em particular; pelos menos, se têm, ninguém as segue [...] a Rainha logo ficou enfurecida, indo de um lado para o outro batendo o pé e gritando”; “Cortem a cabeça dele!”; “ou Cortem a cabeça dela!” (CARROLL, 2009, p. 99)

O trecho do *Jogo sem regra* é o ápice desse contexto dialógico. São muitas vezes que se interpelam, não se entendem, agem de modo aleatório. Alice parece não entender tanta confusão e estranha o modo como acontece a brincadeira, porque sua memória discursiva retoma a forma como brincava com seus amigos que se diferencia desse episódio. As brincadeiras de Alice pressupõem o estabelecimento de regras a fim de que se garanta o controle da interação entre os participantes no “jogo de croqué”. Sem as regras predefinidas entre os brincantes gera o que Alice descreve neste episódio: uma verdadeira confusão e bem pouca brincadeira.

A brincadeira com regras colabora para fruição de muitas vezes em que se espere a vez do ‘outro’, deixar o ‘outro’ jogar. Há desafios a serem alcançados para ao final da brincadeira revelar o ganhador. Mas sem regra Alice não percebe que o jogo não tem direcionamento, causa desânimo, não se ouve a voz dos interlocutores, todos se movem e falam sem saberem o que estão fazendo.

É neste ponto que podemos estabelecer um movimento prospectivo. Além de este repertoriar as crianças da nossa geração com excelente narrativa ficcional, rica na ficção e no imaginário, permite a criança não só viver este mundo, mas criar vários ‘outros’. Nesse sentido, “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que criam as construções da fantasia” (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

Vigostki (2009) salienta a necessidade da regra em função de potencializar as relações, o prazer em jogar e a possibilidade da imaginação criativa. Propiciar que nossas crianças sejam capazes de imaginar coisas, parece-nos uma capacidade importante de ser desenvolvida.

E o contar e ouvir histórias possibilita para as crianças não apenas o desenvolvimento da imaginação, mas também o resgate da memória, uma vez que “A palavra é uma ponte que liga o ‘eu’ ao ‘outro’”. O contar e o ouvir histórias apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. E como ressalta Volóchinov (2017 p. 205): “A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor”. Locutores reais, que impõem uma necessidade de se viver a regra do jogo.

A partir das análises dos episódios podemos destacar alguns resultados: a brincadeira por meio dela, os objetos do mundo são redefinidos, tornam-se humanos, tornam-se o ‘outro’ na relação ‘eu-coisa’. A exemplo das cartas de baralho, tornam-se gente; A brincadeira atribui novos sentidos aos objetos do mundo real, por meio da investigação, da criatividade. A exemplo do sentido da expressão: “cortem-lhe a cabeça”; A brincadeira tem regras e tem a função de organizar as relações entre o ‘eu’ e o ‘outro’. Por meio das regras tem-se: o que se pode fazer no jogo, como começar, tem-se que esperar o outro a jogar, quem ganha e quem perde. A exemplo do jogo sem regras questionado por Alice; A brincadeira pode ser a réplica de alguma atividade adulta. No caso do jogo de croqué, reproduz as relações de poder entre a rainha e seus súditos. Todas essas deduções podem ser recuperadas pelo movimento prospectivo.

Considerações finais das brincadeiras dialógicas

Com a abordagem desse estudo, esperamos ter contribuído com a discussão acerca da capacidade criadora, imaginária e dialógica do leitor/escritor a partir da obra “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas” em um enfoque bakhtiniano e vigotskiniano, dada as condições presentificadas nos clássicos da literatura infantil, quando o autor brinca com a caracterização e os nomes dos personagens, bem como os acontecimentos marcados por este mundo ficcional e imaginário.

De fato, evidenciou-se o dialogismo no capítulo “O campo de croqué da Rainha” uma vez que os diálogos eram prenes de resposta. A voz do locutor e interlocutor (personagens) eram marcadamente dialógicos, existia materialidade literária – embora exista no texto o monologismo –, mas ao mesmo tempo o dialógico vem à tona mediante a significação do leitor.

E em um movimento prospectivo, podemos dizer que são obras literárias dessa natureza que ajudam a criança da atualidade no repertório imagético, rico pela linguagem e que permite à criança criar asas para a imaginação, recriando suas histórias infantis, evidenciando maneiras de ser e de viver e estabelecer relação com muitas vozes e sujeitos que se relacionam pela linguagem.

Referências

ALVES, L. M. S. A. *As culturas infantis e os processos de desenvolvimento e aprendizagem*. Belém: Edufpa, 2012.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoievski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 337-357.

BAKHTIN, M. Diálogo I: a questão do discurso dialógico. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os Gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 113-124.

CARROLL, L. *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.